

## Conclusão

A partir de certos aspectos dos escritos de Platão, podemos concluir que a filosofia era entendida por ele como uma prática que visava primeiramente a uma transformação profunda e pessoal dos que a investigavam. Filosofar era, acima de tudo, buscar com todo o seu ser melhorar a própria vida. Nesse sentido, é impossível encontrar em Platão uma proposta filosófica que seja unicamente um aprimoramento da parte racional da alma e não vise à melhoria de sua totalidade. Do mesmo modo, filosofar não pode ser entendido como construção e defesa de teorias abstratas que não remetam diretamente a uma transformação ética. O processo filosófico em Platão não é insulado da vida que vive o filósofo e, por isso, o próprio processo é, em si mesmo, uma condução da alma. Essa condução, chamada de dialética na *República*, é uma conversão da alma, que intenta inscrever nela o *logos* apropriado. Com isso em mente, a filosofia platônica deve ser entendida como uma experiência vital, pois é apenas através de uma transformação pessoal e profunda que se efetiva a compreensão filosófica.

A partir da pesquisa apresentada nesta tese, pode-se perceber quatro aspectos da filosofia de Platão que corroboram essa visão da filosofia. Esses quatro aspectos formaram os quatro capítulos desta tese: a importância da noção de *psicagogia* para a filosofia, presentes na poesia (cap. 1) e na retórica (cap. 2), as críticas à escrita (cap. 3) e a noção de dialética como conversão (cap. 4).

A noção de *psicagogia*, central nas práticas poéticas e retóricas da época de Platão, é fundamental para compreendermos o poder de convencimento que deve ter o processo filosófico, caso ele queira inscrever na alma humana um *logos* específico. Tal noção e a força educativa decorrente encontravam-se, na Grécia Clássica, ligadas aos poetas e aos homens da retórica. A partir do momento em que defendemos que há uma continuidade da noção de *psicagogia* dessas disciplinas para a da filosofia, é necessário analisar qual a posição que Platão assume frente a elas.

No primeiro capítulo, percebemos que Platão não erradica completamente a poesia de sua república ideal, como também não afirma que nenhum aspecto da poesia deve estar presente na filosofia. Pelo contrário, Platão parece dar tanta atenção à poesia e à sua forma de educar os gregos exatamente porque ela exerce um poder sobre os homens que também a filosofia terá que exercer. Vimos que esse poder psicagógico da poesia provém da identificação entre os ouvintes e a história relatada, forjando a alma

em um molde específico. A própria filosofia deve se encarregar de que esse molde seja adequado aos ditames da razão, e a poesia que produzir esse molde torna-se parte da primeira educação dos filósofos na *República*, junto com a ginástica adequada. Ainda no primeiro capítulo, vimos como a crítica aos poetas no livro X da *República* não rejeita o aspecto psicagógico da poesia. Fizemos a distinção entre *aquilo que a poesia ensina* e *o modo como ela transmite*, realçando que Platão critica a primeira, mas nunca a segunda. Dessa forma, confirmamos nossa tese de que o aspecto de condução da alma da poesia, a *psicagogia*, deve também estar presente na filosofia. Por fim, tratou-se da identificação do filósofo como um amante de espetáculos, e afirmamos que, se o filósofo é tão facilmente identificado com um apaixonado por espetáculos, há algo nas festas teatrais que qualificam claramente o que seja o processo filosófico. O filósofo é um amante de espetáculos, no entanto, os espetáculos são da verdade. Isso indica que não se pode tão facilmente separar a filosofia da experiência psicagógica que há na poesia grega.

O segundo capítulo lida também com essa mesma condução da alma, só que analisa o modo como ela aparece na retórica. A partir do *Górgias* e do *Fedro*, percebemos que há um tipo de retórica que não é desprezado por Platão, mas, pelo contrário, é incorporado na noção de filosofia. No *Górgias*, mesmo com todas as críticas à arte da persuasão, aparece a noção de *bom retórico*, indicando que há um aspecto da retórica que é essencial para a filosofia. No *Fedro*, vemos, com todas as letras, a dialética ser identificada com a retórica e compreendemos a importância da noção de *kairos* para a filosofia. A filosofia não deve ser compreendida como um conjunto de aforismos que podem ser despejadas sobre um aprendiz. Antes, ela apenas pode ser efetivada, isto é, ela apenas pode conduzir efetivamente uma alma, caso ela ocorra em seu momento adequado, cuidando para que os discursos sejam adequados às almas em diálogo. Assim, afirmamos que o aspecto psicagógico da retórica grega era essencial para que a filosofia se efetivasse de modo rigoroso, isto é, para que ela fosse uma experiência vital, que transformasse a vida daqueles que a investigam.

O terceiro aspecto que corrobora a presente tese trata da crítica de Platão à escrita. No terceiro capítulo, afirmamos que há uma supremacia do modo existencial de compreender um tema filosófico sobre os discursos, escritos ou orais, que tratam do tema. Na *Carta VII*, temos claramente uma indicação de que a filosofia se faz por um processo, longo e gradual, que leva o aprendiz a incorporar um determinado tema em sua vida. A verdade de tal tema surge como uma luz dentro de sua alma, e é aí que

devemos procurar pelo verdadeiro conhecimento filosófico. Ao encontro disso, temos o trecho do *Fedro* que lida com a escrita. Ali temos a afirmação que é no “*logos* inscrito na alma daquele que sabe”<sup>1</sup> que se encontra o conhecimento, e não na letra escrita. Talvez essa seja a formulação mais lapidar que dá conta do aspecto vivencial da filosofia platônica, isto é, que ela é um processo de inscrever em uma alma um *logos* determinado. Apresentam-se nessa formulação as duas características do termo experiência vital: que a filosofia deve ser um processo pessoal e profundo. Pessoal, pois se trata de inscrever o *logos* em uma alma específica, levando em conta todas as suas singularidades, como o seu *kairos*. Profundo, pois estamos falando do *logos* filosófico, o *logos* daquele que sabe, e, por isso, falamos dos assuntos mais importantes.

Por fim, temos que o processo filosófico exposto na *República* – a dialética – é descrito como uma conversão, um movimento de sair das trevas do devir rumo à luz do mundo inteligível. Nesse sentido, as características dos diálogos, apontadas por comentadores, que aproximam a filosofia de Platão de aspectos religiosos, vêm ao encontro dessa tese. Tais características salientam o aspecto existencial da filosofia platônica, já que a religiosidade está sempre ligada a uma vivência e não pode ser compreendida como algo puramente abstrato. O fato de a dialética ser uma conversão impossibilita uma leitura puramente racional do processo filosófico. Deve-se compreender que tal processo leva em conta a totalidade da alma humana, mesmo lidando diretamente apenas com argumentos racionais. A filosofia não pode ser um processo de constrangimento racional, que apenas obrigue racionalmente o ouvinte a aceitar fatos que não fazem parte de sua realidade. O *dianoeisthai* platônico, o processo de pensar, deve ser também um *paskhein*, uma afecção que mova o todo da alma humana.

A tese tem como objetivo afirmar que os escritos de Platão visam uma experiência vital filosófica no leitor, pois não se pode pensar na filosofia platônica sem pensar também em uma transformação pessoal e profunda naqueles que a investigam. Mesmo salientando o aspecto vital da filosofia de Platão, a tese não perde de vista que a empreitada filosófica tem como seu guia mestre o *logos* e a faculdade que lhe é correspondente, o *logistikon*. Nesse sentido, trata-se de salientar, como faz esta tese, quais são essas características vitais que deve ter a filosofia e como é que elas se adaptam ao projeto racional de Platão.

---

<sup>1</sup> 2716a-b